

DA ORGANIZAÇÃO DA 2ª SEMANA DA GEOGRAFIA DO INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA – CAMPUS RIACHO FUNDO

Keven Douglas Paca Gomes*

Para que serve a Geografia, senão para fazer a guerra? Seja no conhecimento do território ou no adestramento de soldados leais ao Estado, a ciência geográfica, à qual nos dedicamos, é a chave para ler ou estruturar grande parte dos sistemas que formam a realidade, como os sistemas políticos, os ecossistemas, os sistemas econômicos e, obviamente, o sistema de informação geográfica. O germe da Geografia ocidental está atrelado ao interesse de domar a natureza e, mais tarde, administrar rotas comerciais, desembocando no jugo de povos e territórios além-mar. Na modernidade, ela também não alivia sua carga negativa, tendo suas teorias apropriadas por ideologias políticas expansionistas.

Todavia, a convivência na academia e nas salas de aula nos mostra que os interessados pela Geografia não a procuram voluntariamente para integrar sistemas de opressão; pelo contrário, percebem nela uma potencialidade de subversão. Mas essa potencialidade de fato se concretiza? É difícil saber, mas algo de que podemos ter certeza é que os dirigentes do sistema político-econômico também percebem na Geografia o mesmo que nós e, para frear suas capacidades, tomam medidas deliberadas, como levar a opinião pública à descrença nos especialistas da ciência para explicar fenômenos, a polarização política que nos denomina doutrinadores quando simplesmente apresentamos fatos sociais, ou as agressivas reduções da carga horária da disciplina na

* Membro da Coordenação Geral da 2ª Semana da Geografia do Instituto Federal de Brasília – Campus Riacho Fundo. Discente de Licenciatura em Geografia. Instituto Federal de Brasília. Correio eletrônico: keven62128@estudante.ifb.edu.br

Educação Básica.

Torna-se cada vez mais evidente que a Geografia realmente só serve para fazer a guerra, mas não necessariamente uma guerra estadocêntrica. É preciso reterritorializar nossos conceitos, que, para uma ciência tática como esta, são armas de destruição em massa. Para enfrentar a crise dos sistemas mundiais, já não basta beber das fontes que construíram esses sistemas; urge a necessidade de situar as discussões da Geografia na encruzilhada do saber, na confluência dos conhecimentos geográficos de resistência. Esse espaço nos revela que, antes de enfrentar o mundo, precisamos lidar com a crise da própria Geografia, que dificilmente poderia ser mais profunda, pois sua questão é ontológica, visto que separa o humano da natureza.

Mas não pensem que as disputas ocorrem apenas entre nós e os sistemas opressivos. Dentro da própria academia, reproduzem-se hierarquias que igualmente freiam as capacidades das nossas geografias. Os títulos acadêmicos, por vezes, erguem fronteiras que impedem a livre circulação de ideias, minam a organização coletiva dos estudantes e enfraquecem o desenvolvimento da identidade dos alunos enquanto futuros professores. Com isso, nossa academia está formando professores sem tônus para se opor aos sistemas que pretendemos desmontar e, além disso, perde a chance de se conectar com os saberes populares, contribuindo para que a universidade continue a ser um território de segregação, deslocado do mundo real.

Durante a organização da 2ª Semana da Geografia do Instituto Federal de Brasília, evento cuja operacionalização foi quase integralmente pensada e realizada pelos estudantes da Licenciatura e do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia da instituição, atravessamos diversas situações de desconforto. Algumas delas atribuímos às dificuldades intrínsecas de organizar um evento acadêmico e de trabalhar coletivamente, as quais se diluíram diante da satisfação de entregar uma semana incrível de formação para nossa comunidade. Outras, porém, deixaram um gosto amargo de incapacidade. Nesse contexto, inserem-se violências que, em sua maioria, são simbólicas e internalizadas. Elas se manifestam na insegurança de realizar solicitações aos

professores, como se estivéssemos constantemente atravessando limites que não nos pertencem; na falta de autoestima para ocupar espaços de fala, como a mediação de mesas e debates; e no medo de repreender atitudes de docentes, mesmo quando estas atravessam acordos coletivos ou produzem constrangimentos. Aos poucos, naturaliza-se uma lógica em que determinados sujeitos parecem autorizados a conduzir e decidir, enquanto outros aprendem apenas a obedecer, pedir licença e agradecer a possibilidade de participar.

Em suma, talvez o maior desafio colocado para a Geografia do agora não seja enfrentar um inimigo externo, mas reconhecer suas próprias mazelas. Historicamente, nossa ciência serviu para preparar exércitos, subjugar povos e legitimar ethos nacionais arbitrários. Mas, se existe espaço para subverter isso, certamente ele partirá das fronteiras do conhecimento, de lugares para os quais a academia precisa estar de olhos abertos, a fim de não impedir esse fluxo. A crítica, como princípio orientador da universidade, tem que se fazer presente neste tempo-espaço: o tempo-espaço dos subalternizados, dos que estão na base das correlações de força, reconhecendo a necessidade de construir uma educação libertadora para formar agentes da libertação.

